

**DA PESTE DE JUSTINIANO À COVID-19: UMA ANÁLISE HISTÓRIA DOS
IMPACTOS DAS PANDEMIAS NA EDUCAÇÃO**

FROM THE PLAGUE OF JUSTINIAN TO COVID-19: A HISTORICAL ANALYSIS OF
THE IMPACTS OF PANDEMICS ON EDUCATION

DE LA PESTE DE JUSTINIANO AL COVID-19: ANÁLISIS HISTÓRICO DEL IMPACTO
DE LAS PANDEMIAS EN LA EDUCACIÓN

Marcos Ithalo de Souza Costa¹ 0000-0002-9328-1790

Rafael Britto de Souza² 0000-0003-0346-0857

¹Faculdade de Educação de Crateús, Crateús, CE, Brasil; marcos.ithalo@aluno.uece.br

²Faculdade de Educação de Crateús, Crateús, CE, Brasil; rafael.britto@uece.br

RESUMO:

As pandemias se mostram como uma lastima realidade na história, sendo responsáveis por transformações nos âmbitos econômicos, sociais e educacionais. Posto isso, buscamos discutir como diferentes pandemias, a exemplo da peste de Justiniano, peste negra, a varíola do século XVI, a gripe espanhola e a mais recente, a Covid-19, fomentaram transformações nas realidades e contextos educacionais de cada época. Devido à proximidade com nosso contexto social, focamos na pandemia da Covid-19, buscando compreender a conjuntura social antes de sua expansão, marcada pela ampliação de adoecimentos psicológicos, decorrente de uma sociedade cansada com a hipervalorização do desempenho e rendimento pessoal. Metodologicamente, com a fundamentação de uma pesquisa bibliográfica, estabelecemos uma interlocução com artigos e livros, que tratam do tema referido. Concluimos que a educação, como um processo intrínseco a sua realidade, é bastante afetada pelas mudanças geradas pelas pandemias, ao mesmo tempo que se apresenta como fundamental para o enfrentamento dessas.

Palavras-chave: cansaço mental; educação; pandemias.

ABSTRACT:

Pandemics have been a terrible reality in history, responsible for transformations in the economic, social and educational spheres. That being said, we sought to discuss how different pandemics, such as the plague of Justinian, the black plague, smallpox in the 16th century, the Spanish flu and the most recent, Covid-19, have fostered transformations in the realities and educational contexts of each era. Due to its proximity to our social context, we focus on the Covid-19 pandemic, seeking to understand the social situation before its spread, marked by the expansion of psychological illnesses, resulting from a society tired of the hypervaluation of performance and personal income. Methodologically, based on bibliographical research, we established a dialogue with articles and books dealing with the subject. We concluded that education, as a process intrinsic to its reality, is very much affected by the changes generated by pandemics, while at the same time it is fundamental for dealing with them.

Keywords: mental fatigue; education; pandemics.

RESUMEN:

Las pandemias han sido una terrible realidad en la historia, responsables de transformaciones en los ámbitos económico, social y educativo. Así, buscamos discutir cómo diferentes pandemias, como la peste de Justiniano, la peste negra, la viruela en el siglo XVI, la gripe española y la más reciente, el

Covid-19, han propiciado transformaciones en las realidades y contextos educativos de cada época. Por su proximidad a nuestro contexto social, nos centramos en la pandemia del Covid-19, buscando comprender la situación social previa a su propagación, marcada por la expansión de las enfermedades psicológicas, fruto de una sociedad cansada de la hipervaloración del rendimiento y de la renta personal. Metodológicamente, a partir de la investigación bibliográfica, establecimos un diálogo con artículos y libros sobre el tema. Concluimos que la educación, como proceso intrínseco a su realidad, está muy afectada por los cambios generados por las pandemias, al mismo tiempo que es fundamental para enfrentarlas.

Palabras clave: fatiga mental; educación; pandemias.

Introdução

Ao nos compreendermos como sujeitos históricos, que possuem comportamentos, ideais de mundo e valores, influenciados pelas vivências coletivas e pelo tempo histórico e social em que vivemos, torna-se claro que os acontecimentos e processos de um dado contexto, são responsáveis por moldar os valores e estruturas de uma sociedade. Dessa forma, cada geração assimila a herança cultural de seus antepassados, ao mesmo tempo em que a reformula para adequá-la a nova realidade consolidada. Isso evidencia que nossas ações e pensamentos estão em contínuo processo de mudança, à medida que nos deparamos com novas problemáticas no âmbito social.

Partindo desse pressuposto, torna-se inviável pensar em características humanas e práticas sociais imutáveis, pois o entendimento desses conceitos se encontra inevitavelmente permeado por um contexto histórico-social concreto. Assim, cabe destacar que entre os diferentes processos históricos responsáveis por consolidar evidentes momentos de ruptura social, períodos de revolução, guerras e epidemias são responsáveis por gerar essa intensa mudança em um período relativamente mais curto de tempo.

E posto isso, é fato que no transcorrer da história, esta foi permeada por inúmeras pandemias, caracterizadas como doenças infectocontagiosas que atingem grandes áreas geográficas, com altas taxas de mortalidade e danos sociais irreparáveis (Machado et al. 2021). Em geral, as pandemias são consequência do aumento dos centros urbanos, processo que acarreta uma ampliação da densidade populacional e expansão do território, provocando uma maior interação dos seres humanos com os animais selvagens, que podem ser reservatórios de vírus e bactérias que causam doenças. Soma-se a esses fatores, a facilidade de deslocamento das pessoas pelo mundo o que favorece a propagação das doenças entre diferentes países e continentes.

De forma geral, as epidemias costumam ser inesperadas e difíceis de prevenir e controlar, o que revela a necessidade de conhecer a história e evolução epidemiológica das

epidemias que já afetaram a humanidade para evitar os erros do passado e combater as doenças atuais de forma mais eficaz. Esse conhecimento adquirido, nos permite hoje afirmar que o saneamento, isolamento e quarentena são algumas das ações que podem ser tomadas (Machado et al. 2021).

Contudo, haja vista a capacidade das pandemias modificarem decisivamente o curso da história de uma população, podemos transpassar as fronteiras epidemiológicas e compreender como estas transformaram outras práticas sociais, dentre as quais, a educação. Haja vista, que ao ser compreendida como um processo social que envolve a transmissão e a construção de conhecimentos, valores e atitudes, por meio de diferentes formas de comunicação e interação entre os sujeitos (Bittencourt, 2008), a educação também se molda à conjuntura histórico-social do presente.

Essa análise é possível de ser feita, pois momentos que experienciaram pandemias são períodos historicamente marcados pela fome (que quando não leva a estágios extremos, como a morte, certamente compromete o desenvolvimento físico e cognitivo das crianças e jovens); pela interrupção da aprendizagem; pela ressignificação da educação quanto ao desenvolvimento de novas habilidades; e pela tendência à mudança de mentalidade e dos valores da época.

Além de todos esses fatos, a perda de conhecimento e de cultura, com a negligência dos espaços de armazenamento de livros e demais obras também é visível, principalmente nos contextos pandêmicos antes da era da digitalização da informação. Assim como a morte de pessoas que preservavam e compartilhavam oralmente acontecimentos históricos, sociais ou culturais, que foram vivenciados ou memorizados.

Devido ao fato de que todas as pandemias possuem suas particularidades, observamos transformações sociais específicas a cada uma delas. Dentre as diversas pandemias que ocorreram na história, vamos destacar algumas, como a peste de Justiniano, ocorrida entre os anos de 541 e 542 d.C., a peste negra, no século XIV; a varíola, no século XVI; a gripe espanhola com seu auge em 1918 e a mais recente, a Covid-19 com expansão global no ano de 2020. Tendo em vista, serem processos históricos, objetos de pesquisas científicas anteriores e com uma maior variedade nas bases de dados acadêmicas brasileiras. Sendo possível caracterizá-las como evidentes momentos de quebra social, gerando intensas transformações, dentre as quais no âmbito socioeducacional.

Nesse sentido, nossa realidade contemporânea, marcada pelo surgimento de uma nova pandemia, causada pela disseminação global da Covid-19 provocou evidentes mudanças na educação, tendo em vista, que pela primeira vez na história, a maior parte do ensino se deu de forma virtual, sem a presença física de alunos e professores nos ambientes escolares. Por ser

temporalmente tão próxima da nossa realidade, é mais difícil identificar os efeitos das alterações concretas na educação que essa pandemia acarretou. Apesar disso, reflexões iniciais sobre esse tema se mostram possíveis e necessárias, tendo em conta que não podemos ignorar as mudanças que estão em curso.

Diante disso, e levando em consideração que a natureza deste trabalho requer uma compreensão ampla e profunda dos fenômenos históricos e sociais relacionados às pandemias e à educação, este foi respaldado por uma pesquisa que adota um referencial metodológico qualitativo de cunho bibliográfico (Flick, 2013), baseado na análise de documentos escritos, como artigos e livros, que tratam do tema proposto.

O levantamento dos dados foi realizado por meio de uma busca sistemática nas bases de dados acadêmicas, *SciELO* Brasil e *Google Acadêmico*, utilizando palavras-chave relacionadas ao tema, como “pandemias”, “educação”, “covid-19”, “cansaço mental”, entre outras. Juntamente com o suporte de livros como *História da educação e da pedagogia* (2012) de Maria Lúcia de Arruda Aranha, para fundamentar a análise do desenvolvimento da educação em diferentes contextos históricos, com enfoque para períodos de pandemia; e a *Sociedade do cansaço* (2015) com autoria de Byung-Chul Han para refletir acerca do cansaço mental na sociedade e educação contemporânea.

A análise dos dados foi feita por meio de uma leitura crítica e comparativa dos documentos selecionados, buscando identificar as principais ideias, argumentos e evidências sobre os impactos das pandemias na educação ao longo da história e no contexto atual. Sendo selecionados os trabalhos com critério de relevância, atualidade e credibilidade para a pesquisa.

Desse modo, nosso objetivo é evidenciar como as pandemias impactaram a educação em cada época e entender, por meio de uma análise histórica, de que forma essas mudanças se consolidaram. Em seguida, buscamos interpretar como nossa sociedade contemporânea, caracterizada pela pressão por resultados, performance e desempenho (Han, 2015) - fatos com impactos evidentes e profundos na educação - viu com a disseminação da Covid-19 uma exacerbação desse cenário.

As consequências das pandemias para a educação em diferentes contextos históricos

Ao analisar as pandemias citadas, de forma específica, é necessário retornar ao contexto europeu no século IV, marcado pelas invasões germânicas no espaço romano. Nesse cenário, enquanto o Império ocidental se fragmentava em inúmeros reinos, o Império Romano do

Oriente, ou Bizantino, conseguiu manter uma estrutura relativamente duradoura. Nesse contexto, a educação bizantina era muito influenciada pelos romanos ocidentais, disseminando a língua latina e os costumes da cultura grega.

Há pouca documentação a respeito do ensino primário e secundário, mas é certo que não havia o predomínio do ensino religioso nas escolas, e os clássicos pagãos eram estudados sem restrição, característica que distingue suas escolas daquelas do Ocidente [...] A meta da educação continuava a mesma da estabelecida na Antiguidade, ou seja, a formação humanista e a preparação de funcionários capacitados para a administração do Estado (Aranha, 2012, p. 161).

Nesse cenário, a chamada Praga de Justiniano (541-544), foi a primeira epidemia de peste bubônica, que séculos mais tarde voltou a assolar a Europa, ficando conhecida como Peste Negra (1347-1351). Esta era transmitida por pulgas infectadas, e teve seu epicentro em Constantinopla, capital do Império Bizantino, inserida nesse espaço, muito provavelmente por navios comerciais, tendo em vista que a praga surgiu no Egito, passou pelo Oriente Médio e chegou em Constantinopla somente em 540 d.C., matando aproximadamente metade da população da cidade. Toda essa conjuntura inviabilizou a campanha do imperador bizantino, Justiniano, que buscava restaurar o Império Romano do Ocidente (Machado et al. 2021), possibilitando o domínio da Igreja Católica e a expansão de suas concepções de mundo ligadas a aspectos religiosos.

Ademais, também afetou a produção intelectual e artística devido a infecção e morte de diversos professores, autores, artistas e copistas da época. Nessa conjuntura, muitas pessoas buscaram refúgio na religião, ou demais crenças ou práticas sobrenaturais, promovendo uma mudança de mentalidade, que se refletiu na inserção ou produção de diferentes obras literárias, filosóficas e teológicas nesse espaço, que aos poucos foi ganhando características cada vez mais gregas e menos latinas (Franco Jr; Andrade, 1987). Essas alterações de perspectivas, impactaram inclusive a Universidade de Constantinopla, considerada uma das mais importantes instituições de ensino superior do Império Bizantino e do mundo medieval (Aranha, 2012), que incorporou as renovadas correntes de pensamento.

Esse contexto, ocorreu em paralelo aos acontecimentos tidos pelos historiadores contemporâneos, como marcadores da transição da Antiguidade para a Idade Média, período marcado pelo esplendor do Império Bizantino e florescimento da civilização árabe e cultura hebraica (Eco, 2010). Realidades que se diferenciam da Europa, tendo em vista que nessa, a Igreja Católica dispôs de grande influência ao possuir o monopólio da cultura e do pensamento, modificando dentre outros aspectos, a educação.

Após a queda do Império, escolas romanas leigas e pagãs continuaram funcionando precariamente em algumas cidades, com o clássico programa das sete artes liberais. Quase não há documentos que comprovem a existência dessas escolas depois do século V, mas certos fatos nos levam a crer que ainda existiram por algum tempo. Por exemplo, como de início os bárbaros conservaram as características da organização administrativa do Império, o que exigia pessoal instruído, é de supor que necessitassem ser iniciados nas letras latinas (Aranha, 2012, p. 163).

Consolidada a hegemonia da Igreja Católica, essa passou a estruturar suas próprias escolas, com destaque para as paroquiais, com foco na formação de padres; as monásticas, voltadas para a formação de monges; e as palatinas, responsáveis pela formação dos filhos da nobreza. Todas estas instituições eram marcadas pelo neoplatonismo cristão, corrente filosófica que misturava traços do pensamento platônico e princípios filosóficos como o estoicismo, mas principalmente os dogmas da religião cristã (Marcondes, 2018). O objetivo dessa forma de educação, marcada pelo ensino do latim, leitura de textos clássicos ou religiosos e pela exposição oral ou memorização dos textos lidos, era além de formar os membros do clero, conciliar a fé e a razão, defendendo a existência de Deus e a salvação da alma (Aranha, 2012).

É evidente, que por estarmos falando de um período de mil anos, a forma de se ensinar não foi homogênea ou estável, afirmação evidenciada por momentos que reformularam, sem grandes rupturas, o pensamento regional ou continental, como o renascimento carolíngio do século VIII ou o “nascimento” dos intelectuais no século XII, como um desses homens de ofício que se instalaram nas nascentes cidades (Le Goff, 2006), que findou na concepção das universidades medievais, voltadas para o ensino superior e pesquisa.

A mudança social mais evidente e abrangente, se deu com a crise do sistema feudal, também chamada de a crise do século XIV, compreendida como um período de transição que atingiu a Europa Ocidental, e marcou a passagem do feudalismo para o capitalismo. Essa conjuntura, apresentou-se mesmo antes do século XIV, haja vista que “Desde as últimas décadas do século XIII, assistia-se uma perda da vitalidade que caracterizara o Feudalismo nos duzentos anos anteriores. A origem disso estava [...] nos limites possíveis de funcionamento de sua estrutura” (Franco Jr, 1983, p.78). Esse cenário de crise, teve seu ápice com a Peste Negra (1347-1351) causada pela bactéria *Yersinia pestis* que se propagava por ratos contendo pulgas contaminadas, gerando rápida disseminação e alta mortalidade na Europa.

Os clérigos e religiosos foram dos mais atingidos pela Peste Negra. Para uma sociedade cristã, é de se imaginar que a possibilidade de oferecer socorro espiritual aos corpos padecentes pela peste fez com que muitos membros da Igreja se aproximassem para oferecer apoio na hora derradeira, o que aumentava a taxa de contágio seguido de morte entre o clero medieval (Mattos, 2020, p. 3).

Essa conjuntura, aliada ao fato de a ciência médica da época não possuir o conhecimento necessário para explicar esta doença, de forma que muitos estudiosos e leigos a justificaram através de explicações divinas, fomentou a necessidade de uma nova forma de estudar o mundo. “Não é, portanto, exagero pôr a Peste Negra como a marca divisória entre a educação medieval e a educação renascentista” (Mattos, 2020, p. 4). Assim, a pedagogia medieval, baseada no neoplatonismo cristão, foi gradualmente substituída pelo humanismo renascentista, baseada no resgate da antiguidade clássica e de uma investigação racional e empírica do mundo (Marcondes, 2018).

Desse modo, a educação renascentista buscava romper com os processos de obtenção de conhecimento pelo apelo à autoridade, tradição ou costumes; e objetivava compreender a gênese daquilo que se investigava por meio de um método empírico. Assim, começou-se a compreender a realidade de forma mais objetiva, baseando-se na análise do ambiente e no uso prático do saber, afastando-se da mera contemplação. Nesse cenário, Aranha (2012, p. 199) afirma que:

Enquanto os mais ricos ou da alta nobreza continuavam a ser educados por preceptores em seus próprios castelos, a pequena nobreza e a burguesia também queriam educar seus filhos e os encaminhavam para a escola, na esperança de melhor prepará-los para a liderança e a administração da política e dos negócios. Já os interesses pela educação de segmentos populares, em geral, não eram levados em conta, restringindo-se à aprendizagem de ofícios.

Ademais, essa educação que se estrutura na modernidade:

[...] está associada aos novos costumes e produz novos métodos de estudar e pesquisar que vão da educação formal ao processo de produção de uma literatura do riso, como na pedagogia de Rabelais. Essa renovação se faz ao longo do século XV com as novas escolas de artes liberais, os ateliês, as chancelarias e as novas cortes (Falcon; Rodrigues, 2006, p. 69).

À vista disso, esse cenário, ficou marcado pela integral consolidação do capitalismo na Europa, a partir da superação das estruturas feudais, este processo foi um dos principais fomentadores das grandes navegações, caracterizadas como as expedições marítimas realizadas por europeus com o objetivo de explorar o oceano Atlântico e encontrar novas rotas comerciais para a Ásia. Conjuntura que resultou na chegada dos europeus em terras habitadas por diversos povos indígenas, o que não impediu que logo consolidassem um processo de colonização por meio da exploração dos recursos naturais dessas terras, domínio das populações nativas e o

esforço de homogeneizar esse espaço, a partir de nomenclaturas responsáveis por consolidar a ideia de posse e modificar a identidade das populações locais (Lisboa, 2014).

Nesse quadro, ocorre também a Reforma Protestante, tendo Martinho Lutero (1483 – 1546) como principal precursor e responsável por criticar práticas da Igreja Católica, com destaque para a venda de indulgências. Esse movimento, foi viabilizado pelo humanismo renascentista, que valorizava o indivíduo e a razão, ao mesmo tempo que questionava a autoridade da Igreja; pelo desenvolvimento de uma economia capitalista, que entrava em conflito com os valores defendidos pelo clero católico; assim como, pela invenção da imprensa de Gutenberg, responsável por facilitar a difusão das ideias reformistas e da Bíblia. O citado processo foi fundamental para modificar a educação de forma significativa, pois ao defenderem a necessidade de instruir o povo, para que este pudesse ler e compreender a Bíblia, incentivaram a criação de escolas públicas, independentemente do sexo ou da classe social. A alfabetização e a construção de identidades nacionais e a formação do indivíduo como um todo e não apenas na esfera religiosa se tornou culturalmente mais comum e aceito (Aranha, 2012).

É evidente que esse contexto gerou uma reação da Igreja Católica, que iniciou a Contrarreforma para combater o protestantismo e reformar seus dogmas e instituições. Com isso, a Igreja passou a justificar a manutenção dos seus preceitos tradicionais, ao mesmo tempo que executava uma renovação que objetivava manter a autoridade do papado (Falcon; Rodrigues, 2006). Uma das principais consequências desse movimento foi a implementação da educação jesuíta, modelo de ensino implantado pela ordem religiosa Companhia de Jesus¹.

Deste modo, os jesuítas, atuaram como verdadeiros “soldados” de Cristo na educação e no ensino. Na Europa ensinaram em seminários, colégios e universidades objetivando recuperar a antiga posição da Igreja Católica Romana, enquanto nas áreas recém-descobertas organizaram, além, do trabalho educacional, as missões, com o intuito de conquistar e preservar para a Igreja Católica os povos que não foram atingidos pela expansão protestante (Rosário; Melo, 2015, p. 383-384, grifo autor).

Ao longo desse processo, a varíola, uma doença milenar, com registros históricos entre os egípcios, chineses e indianos na antiguidade, se expandiu pela Europa e África por meio das rotas comerciais, guerras e circulação de pessoas entre esses diferentes espaços. Já no século XVI, ela chega nas Américas com os colonizadores europeus, que a transmitiram para os povos indígenas, que não tinham imunidade nem tratamento para a doença. Esta foi responsável por

¹Fundada em 1534 por Inácio de Loyola (1491 - 1556), que após ser seriamente atingido por um disparo de canhão em 1521, fez votos de dedicação a Deus, castidade e pobreza. Esta ordem religiosa foi aprovada pelo papa Paulo III em 1540, com o objetivo de realizar trabalho missionário, dar assistência a enfermos e acatar solicitações do papa (Rosário; Melo, 2015).

facilitar o domínio e colonização europeia sobre os territórios americanos, assim como posteriormente dificultar a formação dos exércitos e grupos de resistência (Prado, 1994).

As populações indígenas que inicialmente resistiam ao domínio e imposição cultural europeia, com a disseminação da varíola nesse espaço, viram uma aceleração do colapso de suas estruturas sociais, culturais, políticas, econômicas e religiosas. Nessa conjuntura, muitos indígenas perderam seus líderes e inúmeros membros de suas comunidades, facilitando a tomada de seus bens e terras por parte do colonizador. Como resultado, alguns nativos se refugiaram em terras mais distantes do litoral, onde os europeus se concentravam com maior intensidade, e outros se aliaram aos colonizadores ou se refugiaram nos aldeamentos jesuíticos que tinham a função de transmitir os valores e as normas da Igreja Católica (Rosário; Melo, 2015).

Essa educação se dava pela retomada de um ensino que visava desenvolver as potencialidades do ser humano, baseados em uma pedagogia aristotélico-tomista, “Não que muitos deles ignorassem as novidades da ciência e da filosofia do seu tempo [...], porém, [*buscavam*] evitar os conhecimentos que pudessem levar a desvios pelo livre-pensar dos humanistas.” (Aranha, 2012, p. 215). Os professores, denominados mestres ou preceptores, expunham oralmente a matéria e os alunos participavam memorizando, repetindo, e discutindo os textos que liam (Aranha, 2012).

Em contrapartida, as escolas e missões jesuíticas, no contexto de epidemia da varíola, também sofreram com a falta de recursos humanos e materiais para manter o seu funcionamento, dificultando sua expansão para outras regiões do Brasil. O que não impediu que os jesuítas, que lideraram o processo de colonização e evangelização do continente, provocassem diversas mudanças na mentalidade e cultura americana por meio da educação que ofereciam. Com destaque para a inserção e expansão do catolicismo, por meio da imposição dos dogmas católicos e combate aos ideais protestantes e religiões nativas.

No Brasil, essa forma de ensino perdurou até o século XVIII, quando Marquês de Pombal² (1699 - 1782) expulsou os jesuítas e a educação passou a ser controlada pelo Estado português, que a manteve elitista, excludente e voltada para os interesses coloniais. O século XIX, marcado pela vinda da família real portuguesa em 1808 e a independência desse território

² O Marquês de Pombal é o nome pelo qual ficou conhecido Sebastião José de Carvalho e Melo, diplomata e primeiro-ministro português. Ele fez parte de uma geração de governantes conhecida como déspotas esclarecidos, que influenciados pelo Iluminismo – movimento intelectual que defendia o uso da razão sobre o da fé para entender e solucionar os problemas da sociedade. (Falcon; Rodrigues, 2006) – e que em vista disso, realizou inúmeras reformas econômicas e políticas, dentre as quais a expulsão e confisco dos bens da Companhia de Jesus do Brasil em 1759.

em 1822, viu novamente a educação se reformular, com a criação de escolas superiores, academias militares, institutos científicos e artísticos e escolas normais, além da diversificação dos cursos que estas ofereciam. A Europa nesse cenário, experienciou o avanço do iluminismo, industrialização, economia capitalista, liberalismo e do nacionalismo, resultando em uma modernização da educação, com o surgimento de novas metodologias e teorias de ensino, com destaque para o positivismo, o cientificismo e o escolanovismo (Aranha, 2012).

Nesse âmbito de intensas transformações, desenvolve-se a política imperialista do capitalismo, com a colonização da África e da Ásia. Estado de coisas, que findou na consolidação de monopólios europeus, acentuação da concentração de renda e choques entre as potências imperialistas que culminaram na Grande Guerra, posteriormente chamada de Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918). Além disso, em paralelo à guerra, outro fato abalou o mundo, a Revolução Russa de 1917 que instaurou o primeiro governo socialista, após a deposição do czar Nicolau II (1868 - 1918) (Reis Filho, 1989).

Na conjuntura citada, dissemina-se a gripe espanhola que foi uma pandemia causada por uma mutação do vírus *influenza A*, e que infectou cerca de 500 milhões de pessoas em todo o mundo, sendo incerta a quantidade de óbitos, mas, com estimativas na casa das dezenas de milhões. Esta pandemia gerou uma crise social sem precedentes, haja vista, ocorrer em paralelo com conflitos mundiais que tornaram vulneráveis à contaminação milhões de soldados e civis, transformando-se em uma das piores tragédias humanitárias na história. A gripe espanhola, como qualquer outra pandemia, foi responsável por causar sofrimento, fome, angústia e desespero nas pessoas, além de desafiar as autoridades sanitárias, políticas e religiosas, que não tinham meios eficazes de prevenir ou tratar a doença. Haja vista, ser a mais mortal pandemia de gripe do século XX (Machado et al. 2021).

Esse fator fez com que as políticas sanitárias e de prevenção, tais como máscaras, higiene e vacinação, passassem a ser valorizadas pelas autoridades e entidades de saúde. No Brasil, principalmente no estado de São Paulo, surgiu o debate sobre uma educação sanitária nas escolas, que tinha como objetivo instruir os alunos sobre práticas saudáveis e alertá-los sobre os perigos das doenças contagiosas (Aranha, 2012).

De forma análoga aos contextos anteriores, o ano de 2020 entrou para a história com a eclosão de uma nova pandemia, em decorrência da expansão global do vírus SARS-CoV-2, que provocou uma série de mudanças em diversos aspectos econômicos e sociais, devido ao elevado número de casos e mortes, colapso dos serviços de saúde e degradação da saúde física e mental de muitas pessoas, decorrente do necessário isolamento social. Quanto aos aspectos educacionais, foi a primeira vez na história que grande parte da educação ocorreu virtualmente,

sem o convívio dos alunos entre eles e com o professor, dependendo sobremaneira de aplicativos de reunião remota para a não interrupção total das aulas (Mattos, 2020).

Tais fatos, foram responsáveis por iniciar ou consolidar mudanças concretas na sociedade como um todo com impactos evidentes na educação. Todavia, devido à proximidade dessa pandemia específica, com nosso contexto social, torna-se um esforço mais complexo apontar essas mudanças. Independentemente disso é notável a aceleração da digitalização de nossas vidas, de forma que momentos privados e profissionais encontram-se entrelaçadas, não havendo mais limites definidores tão claros de períodos de trabalho, descanso ou estudo.

O cansaço mental pós-covid-19 e seus impactos na sociedade e educação

Ao analisar nosso âmbito social considerando o modelo econômico vigente e as relações de trabalho, é notável a hipervalorização do desempenho e rendimento. Esses conceitos são amplamente difundidos nos cursos superiores de administração, palestras e livros de autoajuda, com enfoque na performance e ação. Como resultado, esses ideais consolidam uma sociedade a cada dia mais cansada mentalmente e fisicamente. Encontramo-nos em um meio cultural fanático por produzir, no qual o valor dos indivíduos é determinado, não por seus princípios, mas pela sua performance no sistema capitalista, seja no contexto social, profissional ou acadêmico.

Como efeito dessa realidade, Byung-Chul-Han passou a definir a contemporaneidade como uma época de efemeridade e esgotamento, com a valorização dos indivíduos inquietos e hiperativos, haja vista a inclinação desses para a realização de múltiplas tarefas. Dessa maneira, para Han (2015), o cansaço é gerado pelo próprio indivíduo que se auto explora e sem perceber acredita que isso seja sua realização, comportamento fomentado por uma sociedade que condena todos aqueles que não atuam em produtividade máxima ininterruptamente. Assim, se estrutura uma sociedade baseada em uma lógica neoliberal e supostamente meritocrática, na qual a repreensão vinda dos outros, hoje eclode do próprio sujeito que se aliena a ponto de se culpar por frustrações que independem de si mesmo.

Ao explorar as bases desse pensamento, compreendemos que para Foucault (1999), a sociedade seguia um modelo disciplinar, na qual o poder se exerce sobre os indivíduos através de diversas técnicas e instituições que visam modelar seus corpos e comportamentos, criando sujeitos úteis e obedientes. Todavia, orientado pelo pensamento de Han, observamos que essa definição, não é mais condizente com nossa sociedade contemporânea, tendo em vista que:

Se antes as organizações precisavam de chefes para cobrar rendimento, hoje a cobrança vem de nós mesmos, dos trabalhadores, somos tão responsáveis por nossas ações, abraçamos tanto as tarefas por medo de perder, pela rapidez das coisas, que estamos a postos 24 horas por dia (Calegari; Doti, 2022, p. 480).

Tal circunstância, estrutura hoje um novo modelo de sociedade, a do desempenho. Essa ocorre devido à positividade, que quando em excesso, se apresenta não como uma atitude otimista, mas como uma forma de violência que elimina a negação e, por conseguinte, a crítica, o limite e a censura. Fato que gera uma overdose de afirmação, estímulo e informação que caracteriza a sociedade atual. Assim, nos encontramos em um meio totalmente egocêntrico e pobre de negatividade, caracterizada como essa dimensão que considera as individualidades e o limite humano, e com isso permite reconhecer o outro como outro e aceitar os limites da própria capacidade (Han, 2015). Dessa maneira, essa sociedade efetiva doentes neuronais não pela imposição da negatividade, mas sim da positividade que caracteriza o século XXI. Assim:

No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados (Han, 2015, p. 16).

Soma-se a esses fatores causadores de cansaço mental uma nova forma de comunicação marcada pela pós-verdade, haja vista que mídias sociais “alternativas” mediadas pela internet, ou mesmo a chamada mídia tradicional, se utilizam de uma transmissão de informações marcada pela manipulação e persuasão. Nesse cenário, as *fake news*, principalmente nas redes sociais, assumem um protagonismo, pois tratam frequentemente de assuntos de maior interesse ou impacto emocional para quem as consome ou abordam questões identitárias que reforçam a visão de mundo dos usuários.

Assim, as redes sociais também se apresentam como “uma forma de cansaço, pois, ao mesmo tempo que colabora na comunicação social, a uma superinformação na desinformação no próprio sujeito que se submete a viver uma vida virtual como se fosse o real” (Palma; Herculano, 2022, p. 16). E é nessa conjuntura de virtualização da vida e exigência de performance, que o indivíduo do século XXI quer sempre produzir mais e melhor, porque é essa resposta de autossuperação, competência e inovação que se espera dele.

Esse modelo de sociedade de forma evidente, gera inúmeros impactos na educação, haja vista que desde um cenário pré-pandemia, “Contrariando a crença de que a infância é um período invariavelmente feliz, dados epidemiológicos brasileiros vêm alertando que 10 a 20% das crianças e adolescentes apresentam algum tipo de transtorno mental.” (Vieira et. al., 2014,

p. 13). Sendo este público o mais suscetível a evasão escolar e ao baixo desempenho acadêmico, o que gera cada vez mais preocupação com a quantidade de alunos que sofrem com distúrbios emocionais e comportamentais, por parte dos educadores.

Nesse cenário, a pandemia de Covid-19 acelerou todos esses processos, pois antes da produção das vacinas e imunização em massa, a principal medida para conter o avanço da doença foi o chamado distanciamento ou isolamento social. A eficácia da medida se dava pelo fato de a principal forma de contágio do coronavírus acontecer pelo contato com pessoas infectadas, já que a transmissão ocorre por gotículas de saliva, espirro ou tosse. Com isso, o distanciamento social objetivava retardar a propagação do vírus, evitando a superlotação dos serviços de saúde e diminuindo o número de óbitos.

Essas medidas restritivas, apesar de eficientes quanto ao combate do vírus, contribuíram para o aumento do esgotamento físico e mental de todos, associado com o medo constante de perda de pessoas próximas e incertezas sobre o futuro. Além desses fatores, a população mais vulnerável também teve que lidar com a perda do emprego, ou abatimento dos salários.

Por outro lado, aqueles que tiveram que se adaptar ao *home office*, enfrentaram novas problemáticas, pois, é fato que trabalhar em casa é mais desgastante mentalmente, do que ocupar-se no local físico, pois apesar da facilidade proporcionada pela não necessidade de deslocamento, a falta de uma rotina, interação entre pessoas e horários definidos, a longo prazo, podem acarretar transtornos psicológicos. Tal fato é evidenciado pois os trabalhadores à distância citam como suas principais dificuldades no trabalho remoto “a falta de contato com os colegas de trabalho (60,55%), mais interrupções (54,59%) e dificuldade em separar a vida familiar da vida profissional (52,91%).” (Bridi et. al., 2020, p. 5).

Do mesmo modo, os estudantes em isolamento, inclusive a parcela que dispunha de ferramentas tecnológicas para manter sua rotina de estudo, também enfrentaram uma árdua tarefa, com a falta de interação social e mediação por meio de ferramentas digitais. Dessa maneira, o processo de ensino-aprendizagem sofreu bruscas mudanças, não só nas escolas brasileiras, mas em todo o mundo. De forma que dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) mostram que no primeiro ano da pandemia da covid-19 a ansiedade e depressão aumentaram em 25% de forma global (Opas, 2022).

Dessa forma, uma das consequências deixadas pela pandemia é a síndrome da fadiga, que vai além do simples cansaço, não melhora com o repouso e se intensifica com qualquer atividade física ou mental. Assim, ela pode afetar a memória, concentração, sono, humor e em decorrência impactar vários aspectos da vida de um indivíduo, entre essas, sua performance profissional, ou acadêmica (Nascimento et. al., 2023).

Quanto àqueles sujeitos que em algum momento contraíram a doença, estes enfrentam uma duradoura dificuldade. Pois apesar de naturalmente, já ser esperado que pacientes que desenvolveram a forma mais grave da infecção fossem apresentar sintomas residuais, estudos recentes demonstram que a dimensão do problema é ainda maior. Com pelo menos 10% das pessoas manifestando sintomas mesmo depois de 3 meses após o início da infecção pelo coronavírus, e com casos que podem durar anos (Greenhalgh et. al., apud Arruda et. al., 2023). E estes apresentam diferentes sintomas, sendo os mais comuns, segundo Sandra Lopez-Leon, conforme citado por Alessandra Arruda (2023, p. 21) “fadiga (58%), dor de cabeça (44%), déficit de atenção (27%), alopecia [*queda de cabelo*] (25%), dispneia [*falta de ar*] (24%) e persistência de 1 ou mais sintomas (80%)”.

Fatos como estes, evidenciam que alunos com algum problema de saúde mental estarão cada vez mais presentes em sala de aula, exigindo uma reformulação da educação, com foco na necessidade de aumento do cuidado com a saúde física e mental. Essa nova forma de atuação dos ambientes de ensino se dará por meio do enfrentamento dos sintomas de fadiga, ansiedade, depressão e estresse, e com o incentivo à reflexão sobre o modelo de sociedade que adotamos, que impõe uma positividade exagerada e superestima, o desempenho e a inovação, sem respeitar as fragilidades, os limites e as diferenças humanas.

Estes elementos, juntamente com a aceleração da transformação digital, que trouxe novas formas de comunicação baseadas no uso de tecnologias digitais como internet, plataformas e inteligência artificial, e tornaram comum o ensino híbrido e remoto, expõem que vivemos em uma época de muitas mudanças em nossa sociedade. Experimentando significativas transformações no modo de encarar a educação, de modo que, a longo prazo, este possivelmente será encarado como mais um período de transição na história e no ensino.

Considerações finais

É notório que, ao longo da história, as pandemias têm mostrado sua capacidade de abalar as economias, as políticas e as culturas das sociedades atingidas. Nesse contexto, não se pode ignorar que a educação, como um processo social que envolve a transmissão e a construção de conhecimentos, também enfrentou grandes desafios, e em decorrência experienciou notáveis transformações. Afinal, os momentos que vivenciaram pandemias são períodos assolados por morte, miséria e incertezas sobre o futuro; com a interrupção da aprendizagem, a redefinição da educação, e a mudança de mentalidade e dos valores da época.

Posto isso, este artigo se propôs a analisar as consequências das pandemias para a educação em diferentes contextos históricos, inclusive em nossa sociedade contemporânea impactada pela covid-19, e marcada pela grande presença de doenças neuronais, cansaço mental e hipervalorização do desempenho. Como resultados das pesquisas, constatamos que as pandemias causaram diversos impactos na educação ao longo da história, tanto negativos quanto positivos, dependendo das circunstâncias políticas, econômicas, sociais e culturais de cada época.

Nessa linha, foi observado que enquanto a peste de Justiniano e a Peste Negra, foram fundamentais para a ascensão e declínio da forma de educação difundida pela Igreja Católica, marcada pelo neoplatonismo cristão, com a mescla do pensamento platônico e princípios filosóficos como o estoicismo e dogmas cristãos. Outras epidemias como a varíola, no século XVI e a gripe espanhola foram responsáveis por modificar a estrutura socioeducacional de continentes inteiros, sendo estes a América e Europa respectivamente.

Em conformidade aos contextos anteriores, a covid-19 também gerou grandes abalos no alicerce da sociedade, com a introdução de novos desafios para a educação, como a necessidade de adaptação às tecnologias digitais, a preservação da saúde mental dos estudantes e professores, e a necessidade de garantir a qualidade e equidade do ensino. Portanto, as conclusões apontaram que a educação, como um processo intrínseco a realidade social na qual ocorre, é bastante impactada pelas transformações geradas pelas pandemias, ao mesmo tempo que se apresenta como fundamental para o enfrentamento dessas, pois contribui para a prevenção, inovação e transformação social.

Desse modo, este trabalho traz contribuições relevantes para o campo da educação, pois demonstra por meio de uma análise histórica e crítica, os impactos de algumas pandemias na educação, e com isso a conclusão de que nossa sociedade marcada pela conectividade e produção, convive com aceleradas mudanças fomentadas pela pandemia da Covid-19. Por fim, também foram apresentadas as problemáticas e desafios atuais que devem ser encaradas pelas práticas educativas.

Ademais, torna-se necessário enfatizar que reconhecemos as limitações na abordagem adotada, uma vez que se mostra inviável a capacidade de abranger todas as pandemias históricas e todos os aspectos da educação por elas afetados em cada contexto. Isso aponta a necessidade de trabalhos futuros, que se proponham a coletar dados empíricos e atualizados sobre os impactos das pandemias na educação, principalmente de elementos ainda pouco compreendidos pelos pesquisadores atuais, como a manifestação e consequências da covid longa. Sugere-se também a ampliação do foco da pesquisa para abranger outras pandemias presentes na história,

bem como diferentes dimensões da educação, a exemplo das políticas públicas, currículos e metodologias.

Referências

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2012.
- ARRUDA, Alessandra C. de Toledo et. al. **Condição pós-COVID-19 ou COVID longa: guia de orientações e exercícios**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2023. *E-book*.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BRIDI, Maria Aparecida et al. O trabalho remoto/home-office no contexto da pandemia COVID-19. **Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Grupo de Estudos Trabalho e Sociedade**, 2020. Disponível em: https://www.eco.unicamp.br/remir/images/Artigos_2020/ARTIGO_REMIR.pdf. Acesso em: 02 ago. 2023.
- CALEGARI, Ana Elisa Silva; DOTI, Marcelo Micke. A sociedade do cansaço no contexto brasileiro pós pandemia. **Revista Interface Tecnológica**, v. 19, n. 2, p. 476-488, 2022. Disponível em: <https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/1530>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- ECO, Umberto. **Idade Média: bárbaros, cristãos e mulçumanos**. Editora Leya, 2010.
- FALCON, Francisco; RODRIGUES, Antônio E. Os novos tempos: A cultura moderna se faz presente na Europa Ocidental. In. **A formação do mundo moderno: a construção do ocidente dos séculos XIV ao XVIII**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006, p. 66-106.
- FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Penso Editora, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 20. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- FRANCO JR, Hilário. **O feudalismo**. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- FRANCO JR, Hilário; ANDRADE F., Ruy de Oliveira. **O Império Bizantino**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- LE GOFF, Jacques. O século XII: nascimento dos intelectuais. In: **Os intelectuais na Idade Média**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p. 29-90.

LISBOA, Armando de Melo. De América a Abya Yala: semiótica da descolonização. **Revista Educação Pública**, v. 23, n. 53, p. 501-531, 2014. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2238-20972014000300004&script=sci_abstract&tlng=en. Acesso em: 22 set. 2023.

MACHADO, Regimar Carla et al. Pandemias e COVID-19 transformam o mundo: uma análise de contextos. **Enfermagem Brasil**, v. 20, n. 2, p. 255-279, 2021. Disponível em: <https://convergenceseditorial.com.br/index.php/enfermagembrasil/article/view/4442>. Acesso em: 10 jun. 2023.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos Pré-Socráticos a Wirttgenstein. 18. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MATTOS, Lucas Feitosa. Peste negra e o fim da educação medieval. **Medievalis**, v. 9, n. 1, p. 1-11, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufjr.br/index.php/medievalis/article/download/44316/23806>. Acesso em: 14 jun. 2023.

NASCIMENTO, Sandra et al. Pandemia COVID-19 e Perturbação Mental: Breve Revisão da Literatura. **Revista Portuguesa de Psiquiatria e Saúde Mental**, v. 6, n. 2, p. 67-76, 2020. Disponível em: <http://www.revistapsiquiatria.pt/index.php/sppsm/article/view/146>. Acesso em: 10 jun. 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em países das Américas. **Organização Pan-Americana da Saúde**, 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em> Acesso em: 8 jul. 2023.

PALMA, Marcos Monte; HERCULANO, Villian Costa. A sociedade do cansaço de Byung-Chul-Han: E o existencialismo da digitalização nas redes sociais. **Complexitas–Revista de Filosofia Temática**, v. 6, n. 1, p. 11-23, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/complexitas/article/view/10133>. Acesso em: 10 jun. 2023.

PRADO, Maria Ligia. **A formação das nações latino-americanas**. 11. ed. São Paulo: Atual Editora, 1994.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **A Revolução Russa 1917 – 1921**. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

ROSÁRIO, Maria José A.; MELO, Clarice Nascimento de. A educação jesuítica no Brasil colônia. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 15, n. 61, p. 379-389, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640534>. Acesso em: 16 jun. 2023.

VIEIRA, M. A.; et. al. **Saúde mental na escola**. In: ESTANISLAU, Gustavo M.; BRESSAN, Rodrigo Affonseca (Org.). **Saúde Mental na escola**. 1. ed. Porte Alegre: Artmed, 2014, v. 1, p. 13-23.

SOBRE OS AUTORES

Marcos Ithalo de Souza Costa. Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Ceará; UECE/FAEC. Experiência em atividades de monitoria na disciplina de Introdução aos Estudos Históricos. Bolsista em Iniciação Científica pela UECE.

Contribuição de autoria: Participação na concepção, pesquisa, escrita e revisão do texto

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5497037417220650>

Rafael Britto de Souza. Graduado em Psicologia (UNIFOR), Pedagogia (UECE) e Filosofia (UNINTER), Mestre em Psicologia (UFC) e Filosofia (UECE), com doutorado em Educação (UFC). Professor Adjunto da UECE-FAEC

Contribuição de autoria: Participação na concepção, escrita e revisão do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5738348173530537>

Como citar

COSTA. Marcos Ithalo de Souza; SOUZA. Rafael Brito de. Da Peste de Justiniano à Covid-19: uma análise histórica dos impactos das pandemias na educação. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 02, e13821, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22481/redupa.v2.13821>.